

Estruturação urbana de Teófilo Otoni/MG: a topografia social de uma cidade média no Vale do Mucuri

Urban structuring of Teófilo Otoni/MG: the social topography of a medium-sized city in the Mucuri Valley

Wagner Batella

Doutor em Geografia

Professor do Departamento de Geociências e do PPGE – UFJF

wagner.batella@ufjf.edu.br

Resumo

As cidades médias despontam na atualidade como uma importante temática para o estudo da urbanização brasileira. Diversos trabalhos têm demonstrado que o Brasil vem se tornando cada vez menos metropolitano e litorâneo, por meio de pesquisas que evidenciam as facetas do processo de interiorização da urbanização. Com isso, as cidades médias têm sido pautadas como um objeto complexo e multifacetado, demandando ferramentas analíticas diversas com o fito de dar maior consistência conceitual ao seu epíteto. É neste contexto que se retoma a escala intraurbana como importante dimensão analítica das cidades médias. A partir da interpretação do processo de estruturação urbana de Teófilo Otoni, cidade média localizada no estado de Minas Gerais, e fazendo uso de trabalhos de campo, análise de dados secundários e técnicas de mapeamento, discute-se as transformações no uso do solo urbano dessa cidade. Os resultados revelam que as desigualdades sócio-espaciais configuram um clássico padrão centro-periferia, onde o centro apresenta-se com maior destaque no que diz respeito às variáveis de renda, infraestrutura e condições de habitação. Por sua vez, as franjas da cidade tem sido o local da moradia precária, fato que se agrava pela topografia dessas áreas.

Palavras-chave: Cidades Médias; Estruturação Urbana; Espaço Intraurbano; Desigualdades Sócio-Espaciais.

Abstract

Medium-sized cities are emerging as an important theme for the study of Brazilian urbanization. Several studies have shown that Brazil has become less and less metropolitan and coastal, through research that shows the facets of the process of interiorization of urbanization. With this, medium-sized cities have been ruled as a complex and multifaceted object, demanding diverse analytical tools in order to give greater conceptual consistency to its epithet. It is in this context that the intra-urban scale is taken up as an important analytical dimension of medium-sized cities. Based on the interpretation of the urban structuring process of Teófilo Otoni, a medium-sized city located in the state of Minas Gerais, and using field works, secondary data analysis and mapping techniques, the transformations in the urban land use of this city are discussed. The results show that socio-spatial inequalities constitute a classic center-periphery pattern, where the center is more prominent in terms of income, infrastructure and housing conditions. In turn, the periphery of the city has been the site of precarious housing, a fact that is aggravated by the topography of these areas.

Keywords: Medium-sized cities; Urban Structuring Process; Intra-urban Space; Socio-spatial Inequalities.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da necessidade de se considerar a escala intraurbana nos estudos sobre cidades médias. Amorim Filho (1973; 1976; 2005) e Amorim Filho e Serra (2001) têm insistido na importância da diferenciação do espaço intraurbano para a própria definição conceitual dessa categoria de cidade. A partir disso, as possibilidades se avolumam, incorporando desde análises sobre morfologia urbana até interpretações de partes e dinâmicas específicas da cidade, como áreas centrais e processos de centralização/descentralização, áreas segregadas e segregação, dentre outros.

O desafio se torna maior pela necessidade de se incorporar a análise do tempo na perspectiva da urbanização. Para tal, baseia-se, aqui, na noção de estruturação urbana discutida por Sposito (1996 e 2004). Trata-se de uma interpretação do processo de urbanização com o fito de entender o movimento histórico de produção dos diferentes usos do solo e seus conteúdos sócio-econômicos. Atenta-se aqui para o movimento de interação entre dinâmicas espaciais e sociedade, sendo que a primeira reflete a estrutura social ao mesmo tempo em que se constitui num “mecanismo específico de reprodução das desigualdades das oportunidades de participar na distribuição da riqueza gerada” (MELAZZO, 2006, p.127), além de criar condições para atender ou restringir as próprias necessidades sociais da vida urbana (LEFEBVRE, 2009).

Deve-se realçar, como faz Maricato (1997, p.42), que, sendo a cidade produto resultante das relações sociais, elas não poderiam deixar de expressar essa realidade social e econômica. Mas, como já será discutido adiante, não se trata de uma mera relação de reflexo do que se passa na sociedade, uma vez que o espaço é também agente ativo das relações sociais. “A dominação social se dá também através do espaço urbano, em especial a dominação ideológica, aquela que se oculta ao olhar do dominado” (MARICATO, 1997, p.42).

Diante do exposto, objetiva-se entender a estruturação do espaço urbano de Teófilo Otoni-MG, entendendo-a como uma cidade média, bem como analisar a produção das desigualdades sócio-espaciais dessa cidade. O texto segue com uma discussão dos elementos teórico-conceituais e, por meio de trabalhos de campo, análise de dados secundários e técnicas de mapeamento, com a análise da produção social do espaço urbano de Teófilo Otoni.

2. UM OLHAR PARA O ESPAÇO INTRAURBANO DAS CIDADES MÉDIAS

As pesquisas sobre as cidades médias cresceram em quantidade e qualidade nas últimas décadas, principalmente devido à maior atenção que vários estudiosos da questão urbana têm dedicado ao tema. Tal incremento é resultante da necessidade de se explicar a urbanização brasileira

recente, cada vez menos litorânea e fortemente influenciada pelo processo de interiorização da economia, das pessoas e das políticas públicas.

Sobre isso, concorda-se com Sposito (2006), para quem as mudanças que despontam no período hodierno, marcadas principalmente pela ampliação das possibilidades de telecomunicações e pela conseqüente ampliação dos fluxos entre as cidades, dão nova qualidade ao urbano, transformando significativamente os papéis desempenhados pelas cidades de diferentes portes, mas pelas cidades médias em particular. As relações que se estabelecem entre essas últimas e outros espaços urbanos não se restringem mais meramente à dimensão hierárquica, podendo apresentar saltos escalares e alcançar a escala internacional sem a intermediação direta das metrópoles. Diante disso, a autora reconhece o desafio de se avançar na abordagem de processos, dinâmicas e fenômenos de caráter geográfico, a partir da consideração do tempo e do espaço, de suas múltiplas articulações e da apreensão das escalas geográficas, que se configuram por meio dessas articulações” (SPOSITO, 2006, p.144).

Dentre as escalas geográficas necessárias à compreensão das cidades médias, destaca-se a intraurbana. Não se trata de uma separação entre níveis analíticos, mas de um recorte necessário para a investigação das dinâmicas inerentes aos novos papéis dessas cidades. A importância das análises com foco no espaço intraurbano ganha reforço nas ideias de Villaça (2001), para quem houve uma estagnação dos estudos urbanos nessa escala desde a década de 1970. O autor afirma que: “no amplo campo dos estudos territoriais, tem havido nas últimas décadas um crescente desenvolvimento das investigações regionais e uma surpreendente estagnação dos estudos intraurbanos” (p.17).

No que tange particularmente à escala intraurbana das cidades médias, deve-se salientar, como fez Amorim Filho (2005), a carência de estudos que priorizem o espaço interno dessas cidades. Desde sua tese de doutorado, defendida em 1973, esse autor tem destacado a importância dessa escala para própria definição conceitual de “cidade média”. Em texto publicado em 1976, o pesquisador retoma essa questão e aponta como um dos atributos dessas cidades:

A estrutura morfológica interna da cidade média, em consonância com sua posição no processo de evolução, deve apresentar: a) um centro relativamente complexo (com grande número de equipamentos servindo um espaço que ultrapasse os limites puramente locais; b) um número viável de sub-centros (cuja forma, funções e espaços de relações variam grandemente de cidade para cidade, mas que atendem, em sua maioria, apenas as necessidades de populações locais; c) uma periferia que evolui muito mais através de “saltos” (descontinuidades espaciais repentinas, resultando numa estrutura poli-nuclear), do que através de uma expansão lenta e homogênea de toda a “coroa periférica” do tecido urbano. (AMORIM FILHO, 1976, p.8, *grifo nosso*).

Em outro texto, publicado em 2001, o autor volta a tratar dessa temática e assim sintetiza, dentre os atributos que qualificam uma cidade média, aquele voltado ao espaço intraurbano:

Diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido com o das grandes cidades, isto é, por intermédio da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos. (AMORIM FILHO; SERRA, 2001, p.9).

Essa preocupação acerca do espaço intraurbano das cidades médias resultou na publicação, em 2005, do livro “A Morfologia das Cidades Médias”, em coautoria com Nelson Sena Filho. Trata-se de uma obra que aprofunda o debate do espaço interno dessas cidades médias e propõe um modelo de zoneamento morfológico-funcional para elas (AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2005).

Esses trabalhos reforçam a necessidade de se explorar a escala intraurbana nos estudos sobre cidades médias, todavia, a contribuição que mais se aproxima do que se pretende discutir neste artigo está na metodologia de trabalho que vem sendo desenvolvida no âmbito da ReCiMe (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias). Segundo esta proposta, o espaço intraurbano é analisado em articulação com o interurbano, priorizando o movimento e a atuação de agentes que transformam a estrutura interna das cidades médias e seus consequentes desdobramentos nas dinâmicas externas, a partir das dimensões econômica e social (SPOSITO et al., 2007). A metodologia proposta pela ReCiMe parte da análise acerca das transformações que as cidades médias têm passado nas últimas décadas e, também, hodiernamente. Busca-se, dentre outros objetivos, considerar a “tendência contemporânea de multiplicação da centralidade intraurbana nas cidades médias e a redefinição/ampliação de seus papéis urbanos e, portanto, de sua centralidade interurbana” (ELIAS; SPOSITO, 2006, p.41). Além disso, atenta-se para o fato de que as transformações pelas quais passam as cidades médias no período atual trazem consigo problemas antes só observados em cidades de porte maior. Nas palavras de Sposito et al. (2007, p.56):

dentre os impactos negativos desse processo, destacaríamos a expansão territorial acelerada de algumas cidades, aumentando as periferias urbanas, a reestruturação dos espaços das cidades, com a multiplicação da centralidade e ampliação das históricas desigualdades sociais e territoriais, expressas pela ocorrência cada vez maior de segregação socioespacial e fragmentação urbana.

Por isso, a opção por se trabalhar aqui na perspectiva da divisão social do espaço, ou seja, na interpretação acerca das diferentes formas de produção e ocupação do espaço urbano por parte dos diversos extratos sociais. Considera-se, assim, a diversidade de usos, densidades e padrões socioeconômicos de segmentos sociais diversos.

Em seu texto sobre o espaço urbano, Correa (2004, p.7-8) destaca que, além de fragmentado e articulado, ou seja, formado por diferentes usos da terra justapostos entre si que se articulam de forma diversa, a organização espacial das cidades é expressão de processos sociais, sendo um reflexo da sociedade. Este artigo aquiesce a perspectiva de que a sociedade também é influenciada

pelo espaço, entendendo esse como nível de determinação, como foi proposto por Lefebvre (1992). Dessa maneira, busca-se não apenas analisar a estrutura urbana da cidade de Teófilo Otoni, mas também, entender os movimentos contraditórios da estrutura territorial em articulação com as estruturas sociais, como sugere Villaça (2001).

Para tal, propõe-se uma análise que supere a estrutura e avance para a estruturação urbana e da cidade, conforme ênfase que se pretenda dar, respectivamente, ao processo ou à forma (SPOSITO, 2004), entendido como o movimento contínuo de transformação de sua estrutura urbana. Sposito (1996, p.111) compreende como estrutura urbana: “o arranjo de diferentes usos do solo no interior das cidades, ou seja, o mosaico-resultado do processo de alocação/relocação das atividades econômicas e das funções residenciais, de lazer e de circulação nas cidades”.

Villaça (2001) alerta para o equívoco de se atribuir a este conceito uma mera dimensão material da cidade, desconsiderando as articulações entre suas partes. Assim, ao adotar o termo estruturação, concordando mais uma vez com Sposito (2004), busca-se progredir na análise do movimento que dá conteúdo multifacetado às diversas partes da cidade, “sempre avaliando como as parcelas se articulam entre si” (p. 311).

Essas reflexões balizarão a análise da produção do espaço urbano de Teófilo Otoni, considerando o processo histórico de estruturação da cidade, seguida de uma leitura empírica acerca das desigualdades intraurbanas.

3. ESTRUTURAÇÃO URBANA DE TEÓFILO OTONI: O SÍTIO URBANO COMO ELEMENTO BALIZADOR DAS DESIGUALDADES SÓCIO-ESPACIAIS

O ponto de partida para esta empreitada faz referência aos clássicos estudos de Geografia Urbana de tradição francesa, quando as análises sobre as cidades eram iniciadas pela descrição do quadro natural. Dessa maneira, retomando George (1983, p.36), em seu capítulo intitulado “Cidades e Condições Naturais”, tem-se que “as relações geográficas entre a cidade e seu meio natural são definidas em duas escalas: a regional e a local”, sendo a segunda analisada a partir do sítio urbano. Para George (1983, p.37), “o sítio é definido como o quadro topográfico no qual se enraizou a cidade”. Na figura 01 é possível verificar o sítio da cidade de Teófilo Otoni.

Ressalta-se que, com o objetivo de facilitar as análises futuras, adicionou-se o *layer* setores censitários¹ sobre o modelo digital de terreno da cidade. Identifica-se na figura 01 uma topografia

¹ Segundo o IBGE (2010), o setor censitário é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País. Ressalta-se que o “tamanho” do setor censitário tem relação direta com o número de domicílios particulares permanentes. Na área urbana, cada setor censitário é composto, em sua maioria, de 250 a 350 domicílios. Na área rural o setor censitário é composto, em sua maioria, de 150 a 250 domicílios.

marcada pela presença de morros com encostas de fortes declividades nas porções norte, noroeste, oeste, sudoeste, sul, sudeste e nordeste da cidade, ou seja, praticamente forma-se uma circunferência que envolve a maior parte dos setores censitários localizados nas franjas urbanas. Por outro lado, as áreas centrais apresentam topografias que oferecem menores declividades e, por conseguinte, menores limites para sua ocupação. Esse sítio é de significativa importância para o entendimento do processo de estruturação urbana de Teófilo Otoni, como será analisado a seguir.

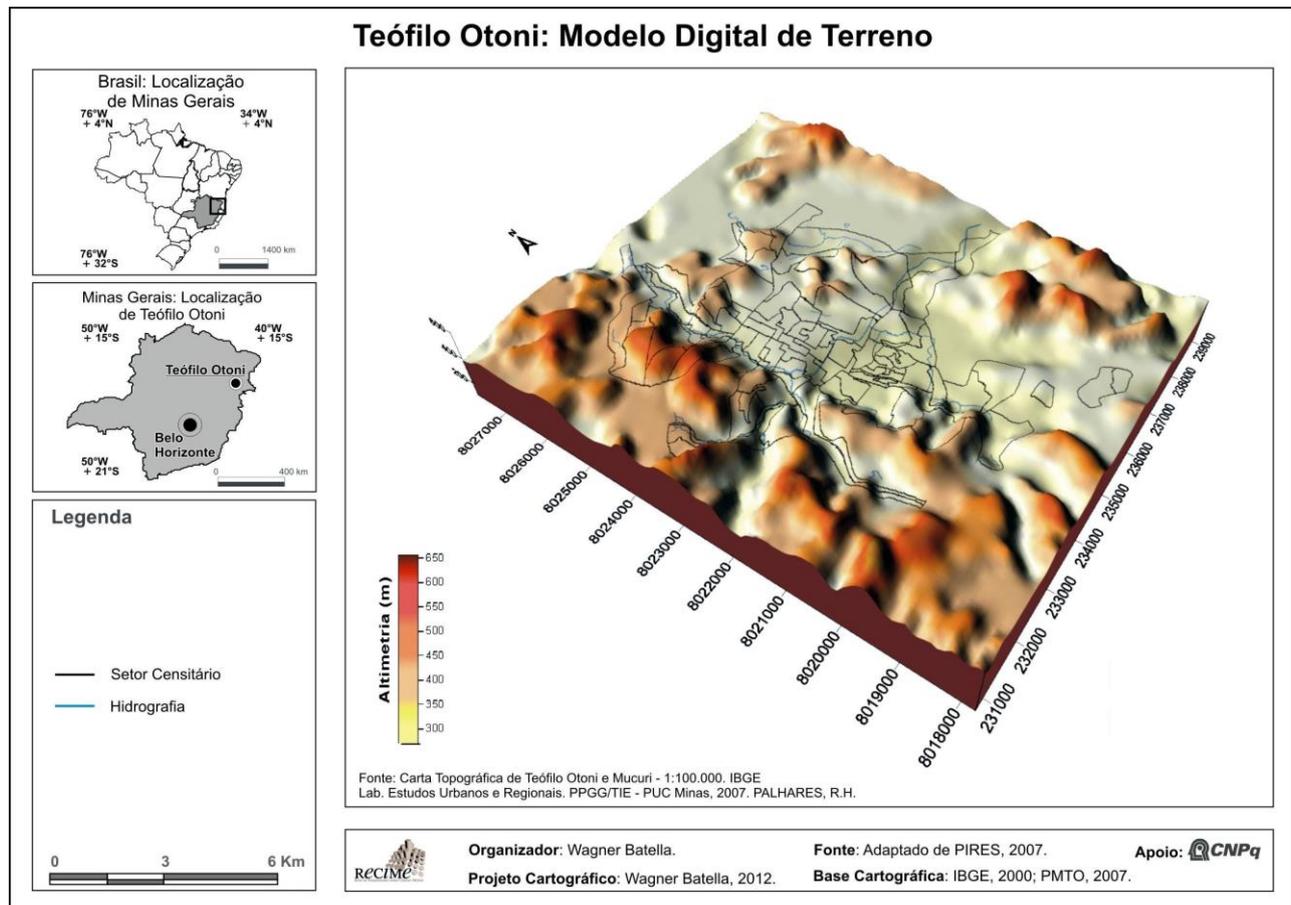


Figura 1 – Teófilo Otoni: Modelo Digital de Terreno.

Fonte: Batella, 2013.

A ocupação inicial tem origem na busca pela integração da porção norte do estado de Minas Gerais com o litoral da Bahia, o que demonstra que já na sua origem Teófilo Otoni teve uma posição geográfica que favorecia o desempenho de papéis de intermediação, característica principal para a definição conceitual de uma cidade média.

A construção da Vila de Filadélfia (primeiro nome da cidade de Teófilo Otoni) tem início no dia 7 de setembro de 1853, quando Theóphilo Benedicto Ottoni² dá a ordem de serviço para se fazer a demarcação de uma rua retilínea no sentido norte-sul, cortando uma área onde deveriam ainda ser

² Político e empresário mineiro, fundador da cidade de Teófilo Otoni.

implantadas duas praças, formando o núcleo inicial e que hoje constituem o centro principal da cidade (TAVARES, 2009).

Já nas primeiras décadas de sua criação, coexistiam com a cidade alguns núcleos descontínuos (em função das características do sítio urbano) formados por agrupamentos de colonos, trabalhadores agrícolas, que receberam quinhões de terras em função do término das atividades da Estrada Santa Clara-Filadélfia³, formando os núcleos de São Jacinto, a nordeste, e Bela Vista, ao norte (Figura 2 A e B), e que somente na década de 1940 seriam integrados ao tecido urbano.

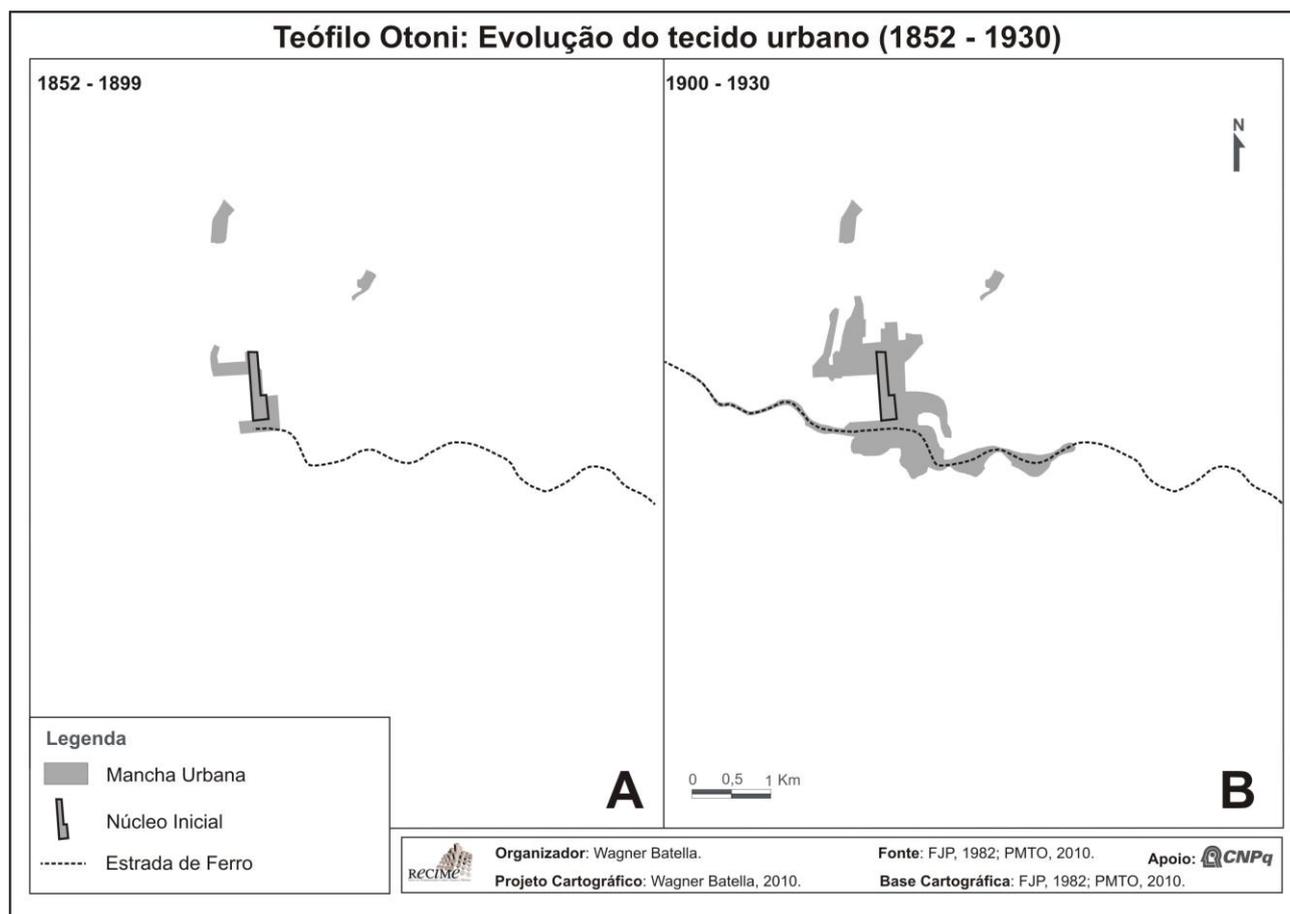


Figura 2 – Teófilo Otoni: Evolução do tecido urbano (1852 – 1930)

Fonte: Batella, 2013.

A evolução da ocupação territorial de Teófilo Otoni foi diretamente determinada por fatores econômicos e pelas condições do sítio da cidade, que pela significativa presença de áreas com fortes declividades se tornava pouco propício para urbanização. Já ocupadas praticamente todas as áreas de topografia favorável nas adjacências do núcleo planejado, as expansões da cidade passam a se dar sem qualquer orientação preestabelecida na legislação, pela ocupação dos morros adjacentes ao

³ Santa Clara correspondia ao atual município de Nanuque, localizado a 150 km de Teófilo Otoni no sentido leste. Sobre a Estrada Santa Clara-Filadélfia, ler Barroso (2016).

núcleo inicial e pelos vales, dando uma configuração “tentacular” à malha urbana (Figura 2 B), influenciado pelo traçado da ferrovia Bahia-Minas, que chegou à cidade em 1898, e que rompeu com a forma anterior.

A partir de 1900, a ferrovia assumiu papel determinante neste quadro indutor do crescimento da cidade de Teófilo Otoni que, naquela época, já se tornava um importante entreposto comercial do norte e nordeste de Minas, sendo a Bahia-Minas o principal elemento direcionador de sua expansão física durante as primeiras quatro décadas do século XX (Figura 2 B e Figura 3 A).

Décadas mais tarde, a implantação das rodovias BR-116, em 1948, e da BR-418, em 1968, definiram novos eixos de crescimento para a cidade, principalmente pelo surgimento de novos loteamentos nas porções ao norte (majoritariamente) e ao sul (Figura 3 B).

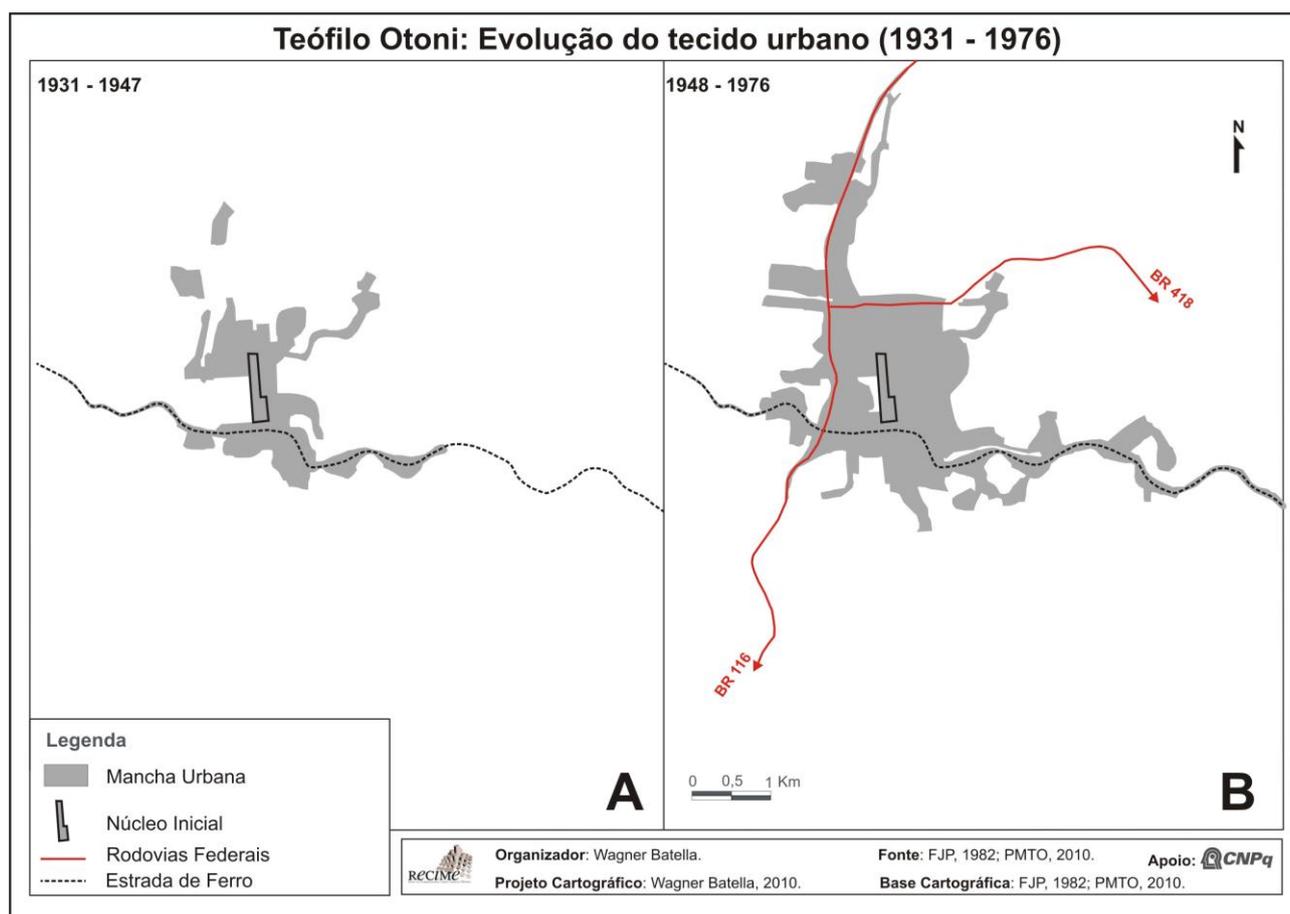


Figura 3 – Teófilo Otoni: Evolução do tecido urbano (1931 – 1976).

Fonte: Batella, 2013.

Para melhor entender a relação entre sítio urbano e expansão da cidade, faz-se também necessário correlacionar essas questões com o processo de crescimento da população urbana de Teófilo Otoni, por mais que não seja possível reduzir uma questão à outra.

Segundo o relatório da FJP (1982), essa população, que era de aproximadamente 4.500 pessoas em 1920, sobe para mais de 12 mil em 1940, e para quase 22 mil em 1950, dobrando e

chegando a 44 mil em 1960. A tabela 1 mostra que nos últimos cinco Censos Demográficos do IBGE, as décadas de 1980 e 1990 foram as que apresentaram o maior percentual de crescimento demográfico na cidade, respectivamente 31% e 16%. A ocupação, inicialmente restrita ao vale do Rio Todos os Santos, atinge os topos, o que termina por configurar regiões densas e precárias. Os terrenos com fortes declividades foram rapidamente incorporados ao tecido urbano, provocando uma multiplicação de áreas na cidade com baixos índices de atendimento por serviços urbanos, susceptíveis a processos de erosão por águas pluviais e precários sistemas viários (FJP, 1982).

Tabela 1: Teófilo Otoni: Evolução da População. 1970 a 2010

CENSO	TOTAL		URBANA			RURAL		
	Nº HAB.	% CRESC.	Nº HAB.	%	% CRESC.	Nº HAB.	%	% CRESC.
1970	133.017	-	67.094	50,44	-	65.923	49,56	-
1980	128.826	-3	87.957	68,28	31	40.869	31,72	-38
1991	140.833	9	101.966	72,40	16	38.867	27,60	-5
2000	129.424	-8	102.812	79,44	1	26.612	20,56	-32
2010	134.745	6	110.076	81,70	7	24.669	18,30	1

Fonte: IBGE, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010

A acelerada expansão da malha urbana na década de 1970 foi caracterizada, quase que exclusivamente, pelos loteamentos destinados aos diversos extratos sociais e localizados indiscriminadamente por todos os quadrantes na periferia da área anteriormente ocupada. Durante a implantação desses loteamentos, nota-se uma presença maior do Estado, que fica evidente pelo registro de FJP (1982), ao mencionar um maior acompanhamento da prefeitura em relação aos padrões mínimos de urbanização nesse período (Figura 4 A e B).

Durante o final da década de 1970 e toda a década de 1980 até os anos 2000, houve em Teófilo Otoni uma proliferação da ocupação em áreas periféricas, particularmente naquelas impróprias ao uso urbano em função das restrições topográficas do sítio. O resultado foi a multiplicação dessas áreas em várias partes da cidade, o que se enquadra nas explicações apresentadas por Pequeno (2009, p.206):

A caótica expansão das cidades, carentes de infraestrutura e ambientalmente degradadas, a insuficiente produção habitacional de interesse social, num ambiente de incertezas e de desaceleração do crescimento econômico, decorreram na geração de um crescente déficit habitacional assim como num progressivo aumento do percentual de famílias morando em condições precárias.

No início da década de 1980, cerca de 40% da área correspondente ao então perímetro urbano da cidade apresentava declividades iguais ou superiores a 30% (FJP, 1982), em

inconformidade com a Lei Federal 6.766/1979 – Parcelamento do Solo Urbano –, que não permitia o parcelamento do solo para fins urbanos em terrenos com declividade superior a 30%.

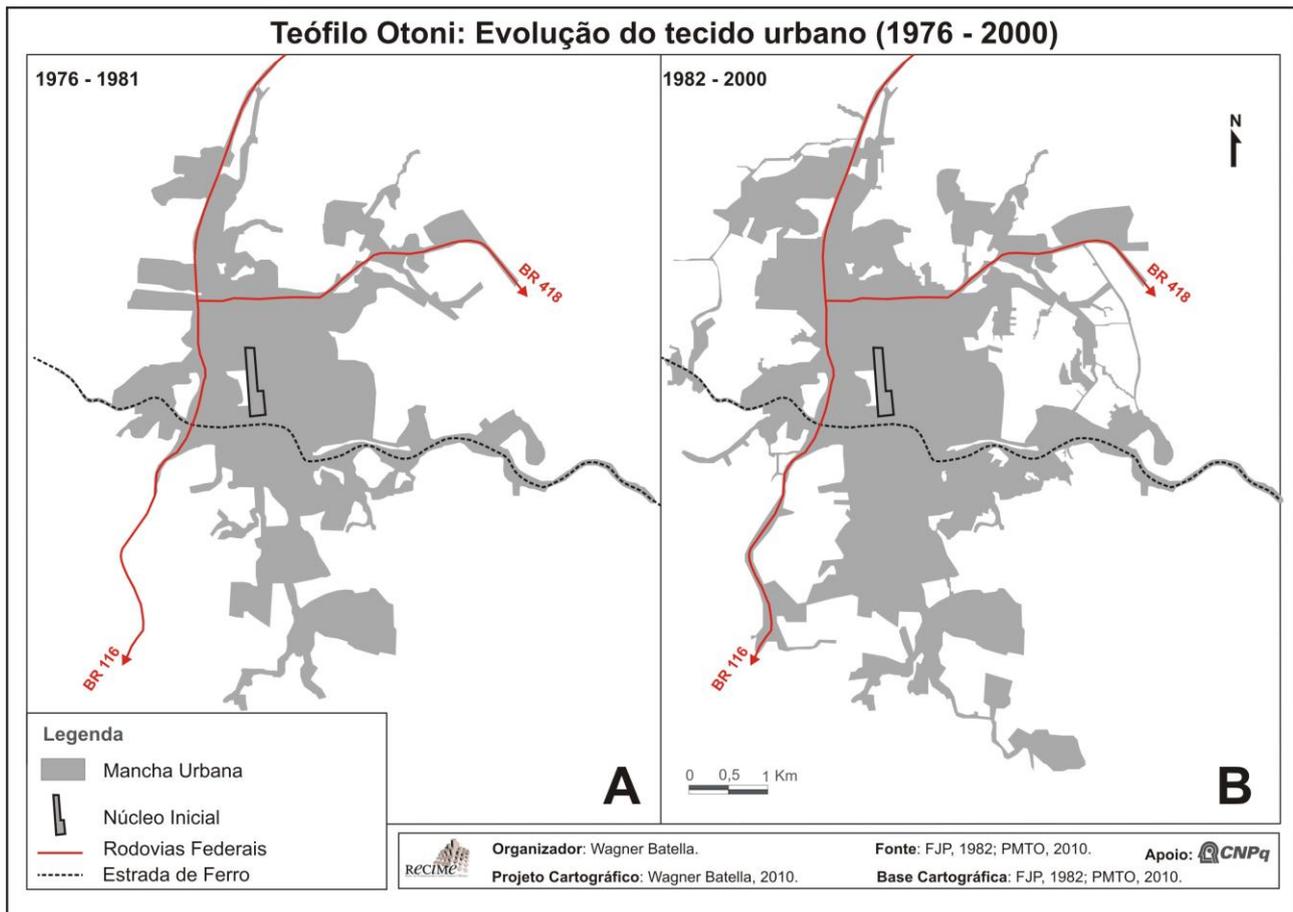


Figura 4 – Teófilo Otoni: Evolução do tecido urbano (1976 – 2000).

Fonte: Batella, 2013.

Remete a essa época a criação de dois importantes instrumentos que representam a sinergia entre ações locais e supralocais do Estado. O PROECI (Programa Estadual de Centros Intermediários), implementado em 1981 pelo Governo do Estado de Minas Gerais, e o PDU (Plano de Desenvolvimento Urbano), fruto de um convênio, estabelecido em 1982, entre a Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni e o governo estadual. As proposições de intervenções enfileiradas pelo Programa e pelo Plano surgem como reflexo das políticas públicas de planejamento urbano e regional encetadas a partir da década de 1970, que visavam estruturar as cidades médias de forma que elas atuassem na redução das disparidades regionais (AMORIM FILHO; SERRA, 2001). Esses instrumentos devem ser entendidos *pari passu* ao papel que o Estado passava a desempenhar na estruturação urbana e da cidade de Teófilo Otoni, uma vez que eles desencadearam mudanças nos papéis regionais desempenhados por essa cidade, bem como influenciaram a produção da cidade. O PROECI foi elaborado com o fito de reduzir os fluxos migratórios do interior do Estado para o Vale do Aço e a Região Metropolitana de Belo Horizonte, enquanto o PDU teve o desafio de apontar

soluções para os problemas associados ao crescimento sem planejamento, bem como apontar futuras medidas que garantissem o desenvolvimento da cidade.

No que se refere ao primeiro, os estudos apontavam ações necessárias para conter o fluxo migratório, melhorando as condições de habitabilidade em cidades previamente escolhidas e que foram cognominadas de cidades-diques. Essas condições eram voltadas para aprimoramentos em infraestrutura urbana, saneamento básico, equipamentos de saúde e escolar, além da melhoria das condições de emprego mediante a implantação de atividades produtivas. O Plano de Desenvolvimento Urbano foi o primeiro grande programa voltado para a cidade e serviu de base para elaboração do Cadastro Técnico Municipal, a Lei de Uso e Ocupação do Solo, o Código de Obras e o Código Tributário, todos elaborados em 1982. Ele foi utilizado para orientar o crescimento da cidade e a localização de equipamentos coletivos.

Houve, a partir de então, propostas de incentivo ao adensamento e controle da ocupação e uso do solo urbano, o que levou à retração do número de loteamentos aprovados. As diretrizes sobre o perímetro urbano mostravam que, em 1981 apenas 15% de sua área era ocupada e que os loteamentos vinham se multiplicando dentro deste perímetro numa proporção superior ao crescimento populacional (FJP, 1982). As propostas para controle da ocupação em áreas de declividade acentuada não foram suficientes para conter a ocupação dessas áreas, nem o parcelamento de outros espaços periurbanos desprovidos de infraestrutura.

O PROECI incentivou, por meio do Projeto Centro de Bairro, a criação de equipamentos coletivos e a melhoria de infraestruturas em áreas periféricas. Durante as duas últimas décadas do século XX surgiram os primeiros agrupamentos de comércios de bairro⁴, mas que não chegaram a configurar áreas centrais⁵, conforme caracterizado por Corrêa (2004), mas apenas núcleos secundários, propostos pelo mesmo autor como ruas comerciais de bairros ou ruas especializadas em comércio de autopeças. Identificam-se, dessa maneira, processos de diferenciação espacial e aglomeração de atividades pouco diversificadas, que não caracterizam áreas centrais fora do centro tradicional.

Em 2007 foi formulado o primeiro Plano Diretor do município que teve por objetivos criar diretrizes para o desenvolvimento da cidade. Foram privilegiadas as áreas de habitação, saneamento, meio ambiente, transporte e mobilidade. Esse plano tem sido um elemento norteador de várias mudanças que se observam na divisão social do espaço, com foco em amenizar as condições de desigualdade socioeconômica na cidade de Teófilo Otoni, expressas nas figuras 5, 6 e 7.

⁴ Como a Avenida Rachid Handere, no bairro Bela Vista, e a Praça Silvio Burmann, no Bairro São Jacinto, bem como os eixos das rodovias BR-116 e BR-418.

⁵ Dentre as características das áreas centrais, Corrêa (2004) destaca: ampla escala vertical, foco de transportes intraurbanos, áreas de decisões, concentrações diurnas, ampla escala vertical e uso intensivo do solo.

As figuras 5, 6 e 7⁶ foram produzidas a partir de dados dos Censos Demográficos realizados pelo IBGE nos anos de 2000 e 2010 para a cidade de Teófilo Otoni. Elas permitem elaborar algumas sínteses a respeito da intensidade e da mudança nos padrões de desigualdades socioespaciais da cidade e foram elaboradas considerando a divisão dos setores censitários. Para isso, selecionou-se variáveis agrupadas em três temas que, seguindo proposta metodológica da ReCiMe, foram considerados significativos para compreensão das desigualdades socioeconômicas em cidades médias: demografia, infraestrutura de saneamento e renda.

Na figura 5, nos cartogramas A e B, observa-se que a concentração de população é maior nas áreas periféricas da cidade, sendo que no ano de 2010 houve um incremento populacional em dois setores censitários localizados na área central que não sofreram divisões ou alterações nos períodos analisados (Bairros Centro e São Francisco). Esse dado é reflexo de um processo recente e acentuado de verticalização na área central (o setor censitário Centro apresentou um aumento de 152% no número de apartamentos entre os dois períodos), ainda que os setores mais populosos continuem nas áreas periféricas e de topografia acidentada, como nos setores localizados nas porções norte, noroeste e oeste.

Os cartogramas representados nas figuras 5 C e D devem ser analisados com cautela, pois nas legendas é possível identificar que houve diminuição das maiores densidades demográficas dos setores censitários entre os anos 2000 e 2010. Porém, reforçou-se a tendência, já sinalizada nos dados do ano 2000, de concentração dos domicílios mais populosos nas áreas periféricas da cidade, principalmente nas já mencionadas porções norte e noroeste, além de setores censitários que se localizam na porção leste e sul, em detrimento dos setores mais centrais que continuam com as menores densidades habitacionais.

No que concerne à análise da infraestrutura de saneamento, representada nos cartogramas que compõem a figura 6, houve significativa melhoria das condições sanitárias que foram expressas por duas variáveis: domicílios sem banheiro (6 A e B) e domicílios com abastecimento de água da rede geral (6 C e D). Ainda assim, a periferia continua com os maiores percentuais de habitações sem banheiro e menores coberturas de esgoto, em contraste com alguns setores da área central que possuem a totalidade de acesso aos serviços de saneamento.

⁶ Sobre a elaboração dos cartogramas coropléticos, destaca-se que não foi viável seguir o proposto em Castro (2000) no que se refere à adoção de uma legenda única para comparar a evolução temporal de variáveis socioeconômicas, pois, devido à grande quantidade de divisões de setores censitários entre os dois períodos analisados (em 2000 eram 96 setores censitários urbanos e em 2010 este número passou para 141), estar-se-ia comparando composições/áreas diferentes.

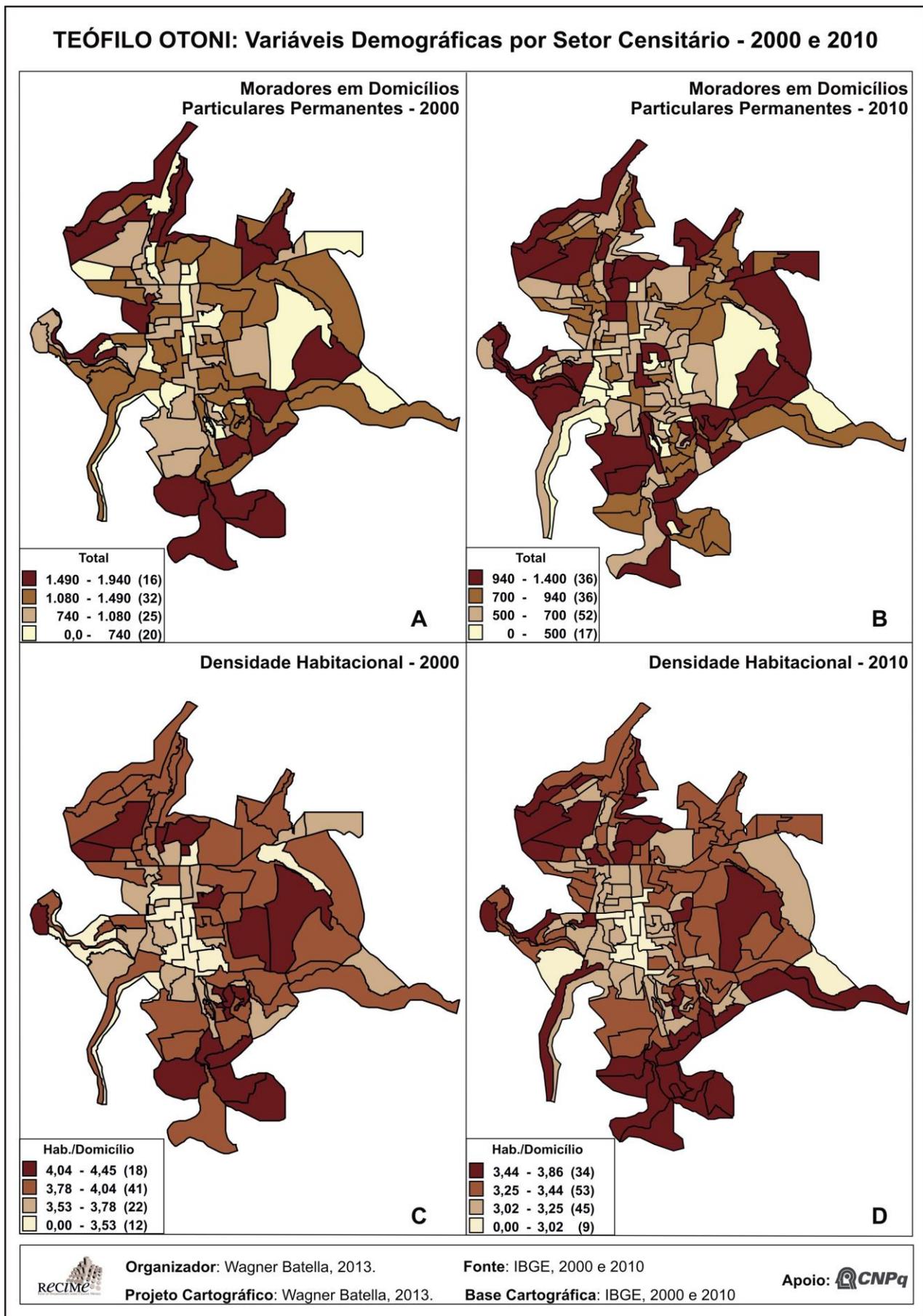


Figura 5 – Teófilo Otoni: Variáveis demográficas por Setor Censitário – 2000 e 2010.
Fonte: Batella, 2013.

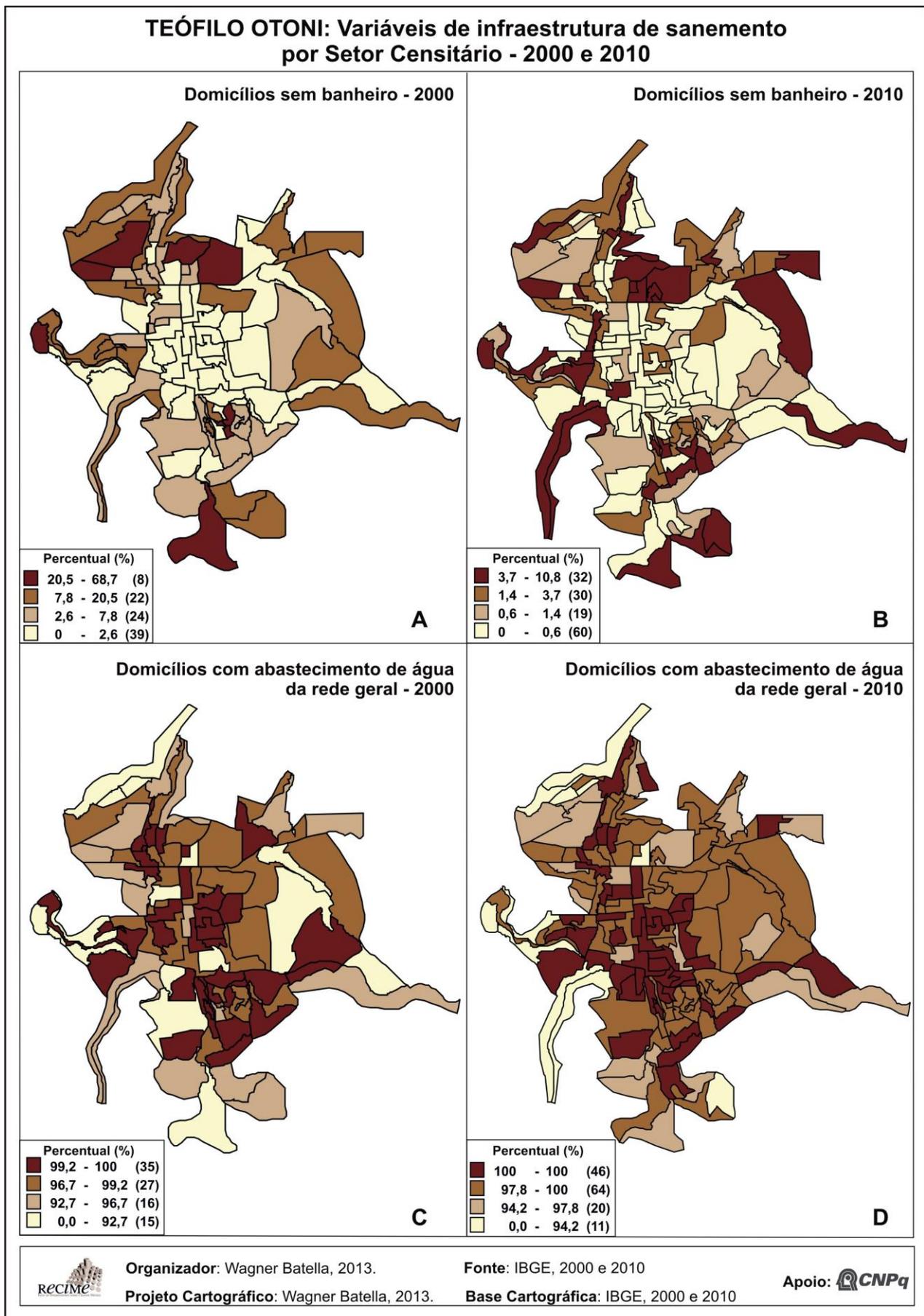


Figura 6 – Teófilo Otoni: Variáveis de infraestrutura de saneamento por Setor Censitário – 2000 a 2010.
Fonte: Batella, 2013.

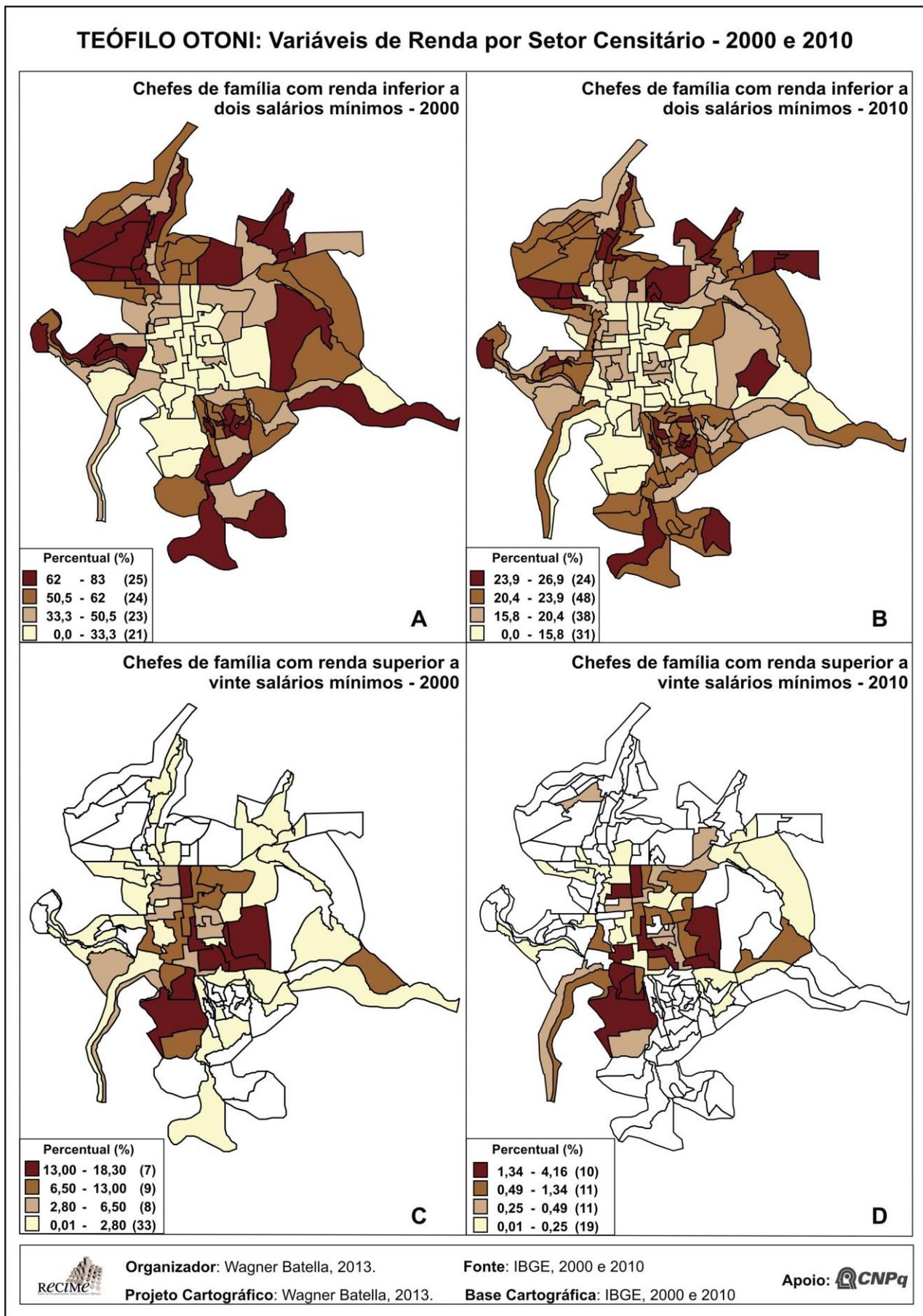


Figura 7 – Teófilo Otoni: Variáveis de renda por Setor Censitário – 2000 a 2010.
Fonte: Batella, 2013.

Esse padrão se confirma quando a análise recai nas variáveis de renda. Com efeito, considerando os chefes de família com renda inferior a dois salários mínimos, representados nos cartogramas 7 A e B, e os chefes de família com renda superior a 20 salários mínimos, nos cartogramas 7 C e D, observa-se que houve, no período analisado, diminuição dos percentuais dessas duas categorias entre os setores censitários. Ainda assim, de uma maneira geral, a cidade repete o padrão de um centro com melhores indicadores socioeconômicos e uma periferia precária, identificado na análise das outras variáveis. Este é o contexto de uma cidade marcada pela desigualdade, onde as periferias se perpetuam como o *locus* dos mais baixos indicadores sociais, enquanto a área central concentra não apenas os serviços e comércios, mas também uma área residencial atrativa para os segmentos de médio e alto poder aquisitivo da cidade, que se evidencia pela intensificação da verticalização nas áreas centrais.

Sobre esta análise, ainda que os dados interpretados tenham expressado a melhora dos indicadores socioeconômicos da cidade durante a última década, ressalta-se que as desigualdades têm sido verificadas em várias cidades brasileiras. Porém, enfatiza-se que no caso de Teófilo Otoni, elas se articulam com a topografia, com ricos majoritariamente no centro, enquanto os pobres habitam as áreas precárias, o que agrava este padrão de desigualdade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a temática das cidades médias implica no trato de um tema complexo e multifacetado. O estudo da escala intraurbana nesse debate configura-se como um importante vetor para caracterização dessas cidades, mas também, para a leitura do processo de urbanização brasileiro contemporâneo. A partir da perspectiva da estruturação urbana de Teófilo Otoni, foi possível entender particularidades dessa cidade.

Em primeiro lugar, destaca-se que a análise do espaço intraurbano dessa cidade reforça a questão das permanências em detrimento das transformações, uma vez que se observa o predomínio das continuidades das formas e dos processos urbanos em detrimento das rupturas que evidenciem a existência de um processo de reestruturação urbana. Trata-se de uma cidade que não apresenta inovações espaciais, caracterizadas por Corrêa (2010) como representativas das novas formas espaciais urbanas e dos novos papéis urbanos desempenhados por outras cidades médias.

Deve-se atentar, ainda, para o papel das infraestruturas de transporte para estruturação da cidade. O surgimento de Teófilo Otoni, como discutido em Barroso (2016), apoiava-se primeiramente nas hidrovias, fazendo a ligação entre núcleos urbanos do norte do estado de Minas Gerais com o litoral. Na sequência, a ferrovia passou a desempenhar a primazia na circulação de pessoas, bens de mercadorias, sendo substituída pelo modal rodoviário no decorrer do século XX. O

sistema de transporte é elemento norteador da mancha urbana, mas também é representativo da complexidade de relações interurbanas da cidade na sua região e na própria rede urbana.

O Estado foi agente central na produção do espaço urbano de Teófilo Otoni. Por meio de programas como o PROECI e o PDU, a cidade passou por intervenções que requalificariam seu conteúdo urbano e que dotaram a cidades de certa complexidade regional. O mesmo agente foi responsável pela configuração espacial das desigualdades sócio-espaciais, reforçando um clássico padrão centro-periferia. Soma-se a isso o sítio urbano da cidade que agrava as condições de vida, fazendo com que à topografia do relevo sobreponha-se uma “topografia social”.

Por fim, faz-se importante retomar o que foi discutido por Batella (2013), ao defender que a cidade de Teófilo Otoni é uma importante cidade média do estado de Minas Gerais, mas que deve ser problematizada na perspectiva dos limiares das cidades médias. Sua condição de limiar é encontrada na síntese de processos particulares, históricos e espaciais, mas que também responde por processos gerais, o que leva a necessidade de novos estudos comparativos entre outras cidades médias mineiras.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPEMIG (Processo n. CSA APQ 00318/15) e ao CNPq (Processo n. 472025/2014-7) pelos auxílios financeiros concedidos.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. **Contribution à l'étude des villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais.** (Thèse de Doctorat). Bordeaux, Université de Bordeaux III, 1973.

AMORIM FILHO, O. B. Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias. **Anais do II Encontro Nacional de Geógrafos.** Belo Horizonte, IGC; UFMG, 1976, p.6-15.

AMORIM FILHO, O. B. Um modelo de zoneamento morfológico funcional do espaço intra-urbano das cidades médias de Minas Gerais. In: AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. de (org.). **A morfologia das cidades médias.** Goiânia: Vieira, 2005, pp. 17-70.

AMORIM FILHO, O. B.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.) **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. de (org.). **A morfologia das cidades médias.** Goiânia: Vieira, 2005.

BARROSO, L. Nas trilhas da Estrada de Santa Clara. **Sistemas, Cibernética e Informática.** V.13, N. 2, pp. 57-62, 2016.

BATELLA, W. B.; **Os limiares das cidades médias:** reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni. 2013. 228 páginas. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), campus de Presidente Prudente-SP, 2013.

CASTRO, J. F. M. **Caracterização espacial do sul de Minas e “entorno” utilizando-se o modelo potencial e a análise de fluxos em sistemas digitais: uma proposta metodológica**. 2000. 157 f. Tese (Doutorado em geografia – Análise da Informação Espacial) – IGCE/Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, 4ª Ed., 2004.

CORRÊA, R. L. Inovações espaciais – algumas reflexões. **Cidades**, v. 7, p. 151-162, 2010.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de Desenvolvimento Urbano de Teófilo Otoni**. Belo Horizonte, FJP, 1982. 140p.

GEORGE, P. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Vol. 1, Rio de Janeiro, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias 2017**. Rio de Janeiro: 2017.

LEFEBVRE, H. **The production of the space**. Oxford: Blackwell, 1992 [1974].

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2009.

MARICATO, E. **Habitação e cidade**. São Paulo: Atual, 1997.

MELAZZO, E. S. **Padrões de desigualdade em cidades paulistas de porte médio: a agenda das políticas públicas em disputa**. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP, 2006, 222p.

PEQUENO, L. R. B. Favelização e desigualdades socioespaciais nas cidades brasileiras: mudanças e tendências nas políticas habitacionais. In: BELLET SANFELIU, C.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado**. 1.ed. Lleída: Edicions de la Universitat de Lleída / UNESCO, 2009, p. 203-226.

PIRES, C. **Estratégias de saúde da família na cidade de Teófilo Otoni-MG** - Perspectivas geográficas no espaço intraurbano. Dissertação (Mestrado em Tratamento da Informação Espacial) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2007, 137p.

SPOSITO, M. E. B. Reestruturação da cidade. In: MELO, J. G. (org.) **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente: GAsPERR/UNESP, 1996, p.111-126.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades do estado de São Paulo. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2004.

SPOSITO, M. E. B. O Desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, v.3, n. 5. jan-jun 2006. p.143.157.

SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R.; MAIA, D. S.; GOMES, E. T. A.; O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007, v. 1, p. 35-67.

TAVARES, I S. O Mucuri e seus contrários: como ser Gauche na Rua Direita. In: SANTOS, M A. **As Gerais Distantes das Minas**: Fragmentos da História do Vale do Mucuri. Teófilo Otoni: Frota, 2009, p.41-51.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, 2001.

Trabalho enviado em 06/02/2018

Trabalho aceito em 19/06/2018